

A INDÚSTRIA TÊXTIL NORDESTINA NA FASE DEPRESSIVA DO SEGUNDO E TERCEIRO KONDRATIEFF

Bruno Bianchi G. da Silva¹, Domingos S. Corrêa²

1. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFAL

2. IGDEMA-UFAL – Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente / Orientador

Resumo:

Dando ênfase a indústria têxtil no Nordeste, o trabalho é resultante de pesquisas iniciadas na graduação, tendo sequência atualmente na pós-graduação. Associando seu desenvolvimento aos ciclos de Kondratieff, evita uma visão espontaneísta do processo. O recorte temporal compreende o estágio das pequenas manufaturas, passando pela transição à grande indústria, até seu auge nos anos 1940-50.

Assim, sob a ótica dos ciclos de Kondratieff, busca compreender como reagiu a indústria têxtil nordestina na conjuntura econômica do final do século XIX e da primeira metade do século XX e, destacar as transformações técnicas ocorridas no período.

De forma geral, podemos elencar três fases em seu desenvolvimento regional, a primeira sob a forma de pequenas manufaturas até os últimos anos do Brasil Império, seguida pela transição à grande indústria nos primeiros anos da República (1889) até sua consolidação nas décadas de 1920-30 e, por fim, a última fase, atingindo seu período de auge nos anos 1940-50.

Palavras-chave: Industrialização; Ciclo Econômico; Inovação Técnica.

Apoio financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas-FAPEAL.

Introdução:

A indústria têxtil em seu caráter plenamente industrial surge na Inglaterra da 1ª Revolução Industrial, abastecendo o mercado mundial com seus tecidos de algodão enquanto as demais nações não desenvolviam sua indústria sob as políticas protecionistas e avanços técnicos. Surge no Brasil somente na primeira metade do século XIX, porém, ainda sob a forma de pequenas manufaturas. Analisando sua evolução até os anos 1950, as obras do historiador norte-americano Stein (1979) e do economista Suzigan (2000) são referências essenciais à compreensão da indústria têxtil brasileira, inclusive na sua transição do estágio de pequenas manufaturas para a grande indústria.

Em Singer (1977) e em documentários, O Comendador do Povo (2013), está presente a indústria têxtil no Nordeste, primeiro centro têxtil brasileiro até o terceiro quartel do século XIX. Após completar sucessivas etapas de substituição de importações, torna-se o principal segmento industrial brasileiro na década de 1910. Especificamente, a indústria têxtil nordestina, atinge seu auge nos anos 1950, ocupando o segundo lugar em importância na economia nordestina, atrás apenas do setor canavieiro.

Porém, a expansão do setor têxtil em determinados períodos, através do surgimento de fábricas têxteis concentradas no litoral brasileiro, não ocorreu de forma espontânea. Desse modo, traçando uma análise sistemática do desenvolvimento brasileiro tem-se os ciclos de Kondratieff, ajudando-nos a compreender como a economia nacional e o setor têxtil reage nas fases expansivas e depressivas da economia mundial.

Estudar o setor têxtil no Nordeste, se faz premente, uma vez que representou na primeira metade do século XX uma alternativa econômica a velha estrutura agrária do setor canavieiro, ao contribuir no processo de urbanização e oferecer condições de trabalho mais dignas à classe trabalhadora. A partir do recorte temporal entre os séculos XIX e XX é possível analisar, de forma sistemática, as transformações econômicas e técnicas que o setor apresentou, trazendo uma pequena contribuição à compreensão do seu desenvolvimento no Nordeste. Após superar sucessivas crises econômicas, o centenário setor têxtil torna-se um representante tradicional da economia regional.

Dessa forma, o trabalho tem por objetivo compreender como reagiu a indústria têxtil nordestina na conjuntura econômica do final do século XIX e da primeira metade do século XX e, destacar as transformações técnicas ocorridas no período.

Metodologia:

Tendo como referencial teórico as teses sobre a formação social e econômica brasileira de Rangel (1981) e (1983) nas quais envolvem a análise dos ciclos de Kondratieff na economia nacional, é possível obter uma compreensão sistemática do comportamento da indústria têxtil nordestina diante das fases expansivas e depressivas da economia mundial, considerando que o Brasil é um país de formação periférica, estando sujeito a determinadas influências externas.

Descoberto pelo economista russo Nikolai Kondratieff após analisar os dados estatísticos das principais economias mundiais do início do século XX, concluiu que a economia possui comportamentos cíclicos. Posteriormente, o ciclo longo da economia foi batizado por Joseph Schumpeter passando a denominar-se ciclo

de Kondratieff, em homenagem ao economista russo.

O ciclo de Kondratieff, também chamado de ciclo longo, são ciclos econômicos de longa duração, com aproximadamente 50 anos, contendo no mesmo ciclo uma fase expansiva (fase a) e outra depressiva (fase b), com duração em torno de 25 anos, cada. Levando em conta que os ciclos de Kondratieff iniciam-se na Revolução Industrial (o 1º ciclo de 1790 a 1848, guardadas suas respectivas fases), de acordo com o recorte temporal do trabalho, utiliza-se o segundo e o terceiro ciclo de Kondratieff, detalhados abaixo com suas respectivas fases:

2º Ciclo de Kondratieff – (fase a) 1848-1873 / (fase b) 1873-1896

3º Ciclo de Kondratieff – (fase a) 1896-1920 / (fase b) 1920-1948

O levantamento bibliográfico com viés histórico e estatístico ancorou-se em Stein (1979), Suzigan (2000) e Mamigonian (2000), trabalhos que trazem informações particulares e possuem uma visão convergente sobre o desenvolvimento da indústria têxtil.

Durante as etapas do trabalho, foram realizadas visitas na Associação Comercial de Maceió e Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, principais entidades que resguardam a memória têxtil em Alagoas. Nessas visitas, além de ter contato com informações não disponíveis por outros meios, viabilizou o contato com obra rara como a de Marroquim (1922), endossando dados e informações sobre a indústria têxtil no Nordeste.

Resultados e Discussão:

Analisando o desenvolvimento industrial brasileiro sob os ciclos de Kondratieff percebe-se que a economia nacional durante a fase expansiva da economia mundial é estimulada a exportar matérias-primas para os países do centro do sistema, ao passo que, na fase recessiva com a redução dos índices de exportação o país enfrenta conseqüentemente a redução na capacidade de importação, sendo estimulado a substituir importações. Nesse esforço substituidor, os recursos ociosos da atividade comercial outrora aplicados na exportação de matéria-prima, volta-se à atividade manufatureira (RANGEL, 1981; MAMIGONIAN, 2000).

Detendo-se ao setor têxtil no segundo e terceiro Kondratieff, na fase expansiva do segundo Kondratieff (1848-1873) o Brasil já contava com 4 fábricas de tecidos, sob o porte de pequenas manufaturas, e acabaram sendo estimuladas pela Tarifa Alves Branco de 1844, tendo uma sutil expansão até o momento em que a tarifa alfandegária sofreu nova liberalização. Em seu estágio inicial, as manufaturas têxteis produziam tecidos grosseiros para vestimenta de escravos e para ensacar gêneros de exportação, produto de pouco interesse da indústria inglesa (STEIN, 1979; SUZIGAN, 2000).

Na fase das pequenas manufaturas, a proximidade dos corpos d'água (rios, lagoas, etc) mostrava-se de grande importância, tendo em vista que a energia hidráulica era utilizada de forma consorciada com a energia à vapor, dado o alto custo para importação do carvão. Desse modo, a presença de corpos d'água junto a proximidade da matéria-prima, eram determinantes na localização industrial.

Entretanto, é na fase depressiva do segundo Kondratieff (1873-1896) que o setor têxtil atinge sua fase plenamente industrial e apresenta uma expansão continuada, estimulada entre outros fatores, pelo Encilhamento, na transição Império-República. Passando a produzir em escala comercial os tecidos mais elaborados, intensifica a concorrência com produtos têxteis estrangeiros. Considerando o número de fábricas e operários, a Bahia liderava o setor têxtil regional, enquanto que o Rio de Janeiro protagonizava o setor no Sudeste (CETEX, 1946; SUZIGAN, 2000).

Não se restringindo a substituição de importações, nesse período, a indústria têxtil passa por transformações espaciais e estruturais, à medida que concentra-se cada vez mais no Sudeste e substitui definitivamente a energia hidráulica pela energia à vapor e, as maiores fábricas, iniciando o uso de energia elétrica. Em seu estágio industrial, as mudanças provocadas na fonte energética tornam desnecessária a proximidade das fábricas aos corpos d'água, alterando o fator de localização industrial. No Nordeste, o uso da eletricidade pela indústria têxtil é de iniciativa do empresário inovador Delmiro Gouveia, no ano de 1914 em Alagoas; estimulando posteriormente a criação da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco-CHESF nos anos 1950, fundamental na eletrificação do Nordeste (STEIN, 1979; SANT'ANA, 1996).

Conforme o setor têxtil se industrializa, vai criando seu próprio ciclo, obtendo um certo grau de independência diante das oscilações cíclicas da economia mundial. Atingindo seu estágio industrial na fase b do segundo Kondratieff com o declínio das pequenas manufaturas e a crescente presença de indústrias estimuladas pelo mercado urbano em expansão, faz o setor alcançar a dianteira da iniciante industrialização nacional, sendo o principal segmento industrial do país na década de 1910, já na fase a do terceiro Kondratieff (1896-1920). No Nordeste, a indústria têxtil passou a dividir a hegemonia econômica com o setor canavieiro, de presença secular na região, ainda que o setor jamais tenha deixado a liderança econômica nessa época (MAMIGONIAN, 2000).

Com efeito da crescente industrialização e substituição de importações realizadas pelo setor têxtil, associada a fatores extraeconômicos como a Primeira Guerra Mundial, a importação de artigos têxteis cai 50% e no final do conflito ensaiamos as primeiras exportações, tendo como destino principal os países latino-americanos (CETEX, 1946; STEIN, 1979).

Na década de 1920, fase b do terceiro Kondratieff (1920-1948), realizando suas últimas substituições de importações, a indústria têxtil nacional passa a produzir tecidos de luxo. A indústria têxtil nordestina, em relativo atraso se comparada a congênere do Sudeste, atinge seu auge nos anos 1940-50, com o monopólio do mercado regional (MAMIGONIAN, 2000; ROCHA, 2013). Tendo destaque os estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Ceará, conforme a Tabela 1.

Tabela 1 – Número de fábricas e operários têxteis no Nordeste em anos que compreendem as fases b do segundo e terceiro Kondratieff

Estados	1880-90		1946	
	Fábricas	Operários(*)	Fábricas	Operários
Rio Grande do Norte	1	-	2	78
Ceará	4	-	11	3.335
Maranhão	10	-	9	3.871
Alagoas	5	800	13	11.114
Pernambuco	10	990	17	29.861
Paraíba	1	-	6	11.164
Bahia	11	1.700	9	5.460
Sergipe	2	400	13	8.880
Piauí	-	-	1	310

Fonte: MARROQUIM, 1922; CETEX, 1946; SUZIGAN, 2000.

Legenda: (-) não disponível; (*) número parcial de operários, referente as fábricas com informações disponíveis.

Considerando os dois períodos, a indústria têxtil no Nordeste praticamente dobrou, saltando de 44 fábricas na década de 1880-90 para 81 fábricas em 1946, com destaque ao estado de Pernambuco, tornando-se o novo centro têxtil regional no século XX. Observando por outro ângulo, através do crescimento de fábricas por estado, vemos que Sergipe obteve o maior saldo no período com 11 fábricas, seguido por Alagoas, com 8 fábricas e, Pernambuco e Ceará, com 7 fábricas, cada.

Ao passo que a indústria têxtil nordestina atinge seu auge na fase b do terceiro Kondratieff, através do monopólio do mercado regional, com o estado de Pernambuco exercendo um papel de destaque, no âmbito nacional, o setor têxtil concentra-se no Sudeste, sobretudo nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, responsáveis em 1946, por 77% do número de fábricas no país (CETEX, 1946). Nas décadas seguintes o setor têxtil se mantém concentrado no Sudeste, numa tendência irreversível e passando a orientar a indústria nacional.

Conclusões:

Diante do exposto, constata-se que o setor têxtil no Nordeste durante a fase b do segundo Kondratieff atinge o estágio industrial, estimulado sobretudo, pelo Encilhamento e o mercado urbano em expansão, tendo destaque regional os estados da Bahia, Pernambuco e Maranhão no século XIX. Ainda em seu processo substituidor de importações, passava a produzir, nesse período, tecidos intermediários, eliminando paulatinamente do mercado interno os tecidos importados.

Na respectiva fase depressiva do terceiro Kondratieff, a indústria têxtil realiza suas últimas substituições de importações, consolidando-se e atingindo seu auge a partir dos anos 1940, garantindo seu mercado regional e rivalizando com tecidos estrangeiros em determinados países latino-americanos. Nesse período, a Bahia e o Maranhão já não exercem o mesmo papel de destaque do século XIX na indústria regional, agora capitaneado por Pernambuco, passando a ter um destaque semelhante os estados de Alagoas, Sergipe e Ceará.

Participando no desenvolvimento da indústria têxtil, muito além do aumento da produtividade e da qualidade dos tecidos produzidos, o incremento de inovações técnicas alterou os fatores locais dessa indústria. Enquanto que na fase b do segundo Kondratieff, sob o vigor da energia hidráulica consorciada a energia à vapor, a indústria têxtil buscava localizar-se próxima aos corpos d'água e das fontes de matéria-prima, na fase b do terceiro Kondratieff, a crescente utilização da energia elétrica torna desnecessária sua proximidade aos corpos d'água, mantendo influência em seu fator locacional a matéria-prima e, agora, o mercado urbano.

Referências bibliográficas

CETEX-Comissão Executiva Têxtil. **Indústria têxtil algodoeira**. 1. ed. Rio de Janeiro: MTIC, 1946. 416 p.

MAMIGONIAN, A. Teorias sobre a industrialização brasileira. **Cadernos Geográficos**, Florianópolis, n. 2, p. 1-37, 2000.

MARROQUIM, A. **Terra das Alagoas**. 1. ed. Roma: Miglione e Strini, 1922. 294 p.

O COMENDADOR do povo. Produção de Pedro da Rocha. Coordenação de Vera Rocha Oliveira. Maceió: BOCA DA NOITE, 2013. (51 min), MP4, color.

RANGEL, I. M. A história da dualidade brasileira. **Revista de economia política**, vol. 1, n. 4, p. 5-34, 1981.

_____. O ciclo médio e o ciclo longo no Brasil. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, n. 3, p. 31-42, 1983.

SANT'ANA, M. M. **Bibliografia anotada de Delmiro Gouveia: 1917 – 1994**. 1. ed. Recife: Companhia Hidro Elétrica do São Francisco, 1996.

SINGER, P. I. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

STEIN, S. **Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil 1850/1950**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1979. 272 p.

SUZIGAN, W. **Indústria brasileira: origem e desenvolvimento**. 1. ed. São Paulo: Hucitec / Editora da Unicamp, 2000. 421 p.